

Número da fita: 0130

Título: Oficina Identidade Negra do Projeto Pontão de Cultura Jongo/Caxambu e Entrevista com S. Joaquim

Mídia: Mini DV

Time Code		Vídeo	Áudio	Tema	Comentário imperdível (interno ao material)	Sugestão (conexões externas)
in	out					
00:01	00:35	Atividade teatral em grupo, da Oficina de Identidade Negra do Pontão de Cultura do Jongo, em Porciúncula. Imagem da “professora” e dos “alunos”. Outro participante da Oficina ao fundo.	A “professora” chega na “sala” e propõe aos alunos fazerem um círculo.			
00:36	00:44	Idem	A “professora” pede a uma “aluna” para ela ensinar o jongo.			
00:45	01:09	Participantes da atividade teatral de pé. Dois garotos se aproximam dos instrumentos e as três mulheres ficam lado a lado. Câmera tenta enquadrar todos os participantes.	A “aluna” chama os outros “colegas de classe” para participar.			

01:10	02:05	Um dos garotos senta-se na carteira ao lado das mulheres e o outro troca de instrumento, localizado atrás delas. As mulheres começam a ensaiar passos da dança. Ao fundo, outros participantes da Oficina.	A música começa e a “aluna” ensina como é feita a movimentação.			
02:06	02:26	Os “alunos” sentam-se de volta nas suas carteiras. Imagem de ângulo, para enquadrar todos os participantes.	“Professora” pede que os alunos contem como fizeram a atividade passada por ela, que consistia em procurar reportagens sobre negros em mídia impressa.			
02:27	03:34	Imagem aproximada da “aluna” que está falando, variando com alguns distanciamentos, nos momentos da fala da “professora”. Participante que estava ao fundo do plano, sai do quadro.	Ela conta que procurou em revistas de beleza. A única reportagem que encontrou foi sobre um terreiro de candomblé. A professora pergunta se existe beleza no candomblé e a aluna diz que sim, ressaltando o padrão de beleza utilizado pela revista.			

03:35	04:16	Imagem de todos os participantes da atividade, se aproximando (zoom) de um outro “aluno”, que está de costas.	O “aluno” só achou um rosto de um negro numa revista de decoração, mas não se lembrava direito sobre o que falava a reportagem.			
04:17	05:01	Imagem tentando enquadrar a terceira “aluna” (Sueli), enquanto fala.	Sueli conta que na revista dela tinha negros de tudo quanto era tipo. Era a “Revista Raça”. A professora pergunta o que ela acha disso e Sueli diz que é uma pena só terem negros numa revista para negros.		Na cidade dela não tem essa revista.	
05:02	06:24	Imagem se aproximando do quarto “aluno”. Um outro participante da Oficina entra no plano geral, ao fundo.	Quarto “aluno” fala das imagens que procurou em revistas sobre shows e eventos, tendo encontrado bastantes imagens. A professora questiona o porquê de terem encontrado menos imagens em revistas de decoração e de beleza. Encerram a atividade e os outros participantes da Oficina aplaudem.			

06:25	08:06	Imagem do terceiro grupo a se apresentar nesta atividade. Sete pessoas aparecem no plano geral.	Um dos membros do grupo lê um texto, explicando a atividade do grupo.			
08:07	09:09	Imagem aproximada do leitor do grupo. Câmera mostra em plano americano todo o grupo e retorna ao plano geral.	O leitor apresenta o texto que o grupo escreveu. Os outros participantes da Oficina aplaudem.			
09:10	09:51	Imagem do quarto grupo em plano geral.	Um dos membros do grupo lê o texto base utilizado para a atividade.			
09:52	11:43	Idem. Outros participantes da Oficina aparecem ao fundo. Um dos membros do grupo traz um instrumento de percussão para o quadro.	Priscila (Pontão) explica a tarefa do grupo. A partir da pergunta “tem gente de quê?”, cada pessoa respondeu e o grupo chegou ao resultado final da atividade, que foi reescrever a poesia.			
11:44	13:23	Imagem mais aproximada do grupo.	Todo o grupo lê junto, num cartaz, o texto que escreveram, enquanto um dos membros toca uma percussão. Terminam com um “Axé!”			

13:24	13:33	Imagem de alguns participantes da Oficina, sentados em círculo.	Os participantes aplaudem o trabalho do grupo.			
13:34	15:34	Imagem do quinto grupo. Rogério segura um cartaz.	Seu Joaquim lê a proposta de atividade do grupo. Cada pessoa lê um trecho do texto que escreveram.			
15:35	21:26	Imagem do grupo. Rogério e outro membro do grupo se aproximam das percussões e começam a tocar. Câmera se aproxima e mostra em detalhes os membros do grupo e as percussões, e depois, retorna ao plano geral.	Seu Joaquim começa a cantar (“Valeu Zumbi”), acompanhado pelo som do tambor. As outras pessoas da Oficina batem palmas e cantam junto.			
21:27	21:42	Imagem dos participantes da Oficina aplaudindo a atividade.				
21:43	21:57	Imagem da apresentação do grupo de caxambu de Porciúncula. Em primeiro plano, Dona Carmosina.	Os mestres cantam vários pontos de jongo, acompanhados pelos tambores.	JO		
21:58	22:33	Imagem do centro da roda	Idem	JO		

22:34	23:10	Imagem de seu Joaquim e dos caxambuzeiros	Idem	JO		
23:11	23:26	Imagem do centro da roda	Idem	JO		
23:27	23:58	Duas meninas dançam no centro da roda.	Idem	JO		
23:59	24:23	Outros participantes dançam.	Idem	JO		
24:24	24:38	Imagem em Rogério cantando, deslocando-se para seu Joaquim e os caxambuzeiros.	Idem	JO		
24:39	26:16	Imagem de Seu Joaquim. Plano americano.	Seu Joaquim se apresenta, dizendo seu nome, idade (57 anos) e local de nascimento. Também conta que mora com sua segunda esposa e que quando criança, morava em Porciúncula.			
26:17	26:39	Idem	A entrevistadora pergunta se ele morava em fazenda e seu Joaquim responde que sempre morou na cidade.	FA		

26:40	27:42	Idem	Seu Joaquim fala sobre seus trabalhos ao longo da vida: trabalhou na roça, plantava arroz em Caeté (localizado próximo a Porciúncula), foi vendedor ambulante, representante de uma firma de calçados, radialista e hoje é funcionário público: trabalha no Projeto Cultural da prefeitura de Porciúncula.			
27:43	29:02	Idem	Fala sobre a família: a mãe, Carmosina Raimunda, tem origem capixaba e tem 88 anos; ainda dança o jongo. O pai, João Nicolau de Oliveira, falecido em 1971, nasceu no estado de Minas Gerais. A família é formada por dez irmãos, mas eles não dançavam o jongo	JO		

29:03	29:25	Idem	Seu Joaquim conta o falecimento da sua única irmã que também dançava jongo, que aconteceu no dia do lançamento do livro “Jongos do Brasil”, após a apresentação	JO		
29:26	30:28	Idem	A entrevistadora pergunta se ele sem lembra dos avós, mas ele diz não os ter conhecido. Apenas tem uma leve lembrança da avó paterna. O avô paterno se chamava Joaquim e a avó, Maria; os maternos se chamavam Paulino e Jovelina. Todos eram trabalhadores rurais, mas não sabe se eram de alguma fazenda. Sua mãe nunca lhe disse se eles dançavam jongo.	FA		

30:29	31:23	Idem	Seu Joaquim acredita que o avô materno dançava jongo, porque ele era filho de escravo. A mãe contava algumas histórias da escravidão que aprendera com ex-escravos da região de Porciúncula	ME/ JO		
31:24	32:01	Idem	Seu Joaquim fala sobre dois ex-escravos que conheceu ainda criança: o Barão da Caixa D'água, que morreu com 125 anos, e o outro, que morava na Fazenda São José, chamado João Laureano	ME		
32:03	32:14	Idem	Seu Joaquim fala da história do município de Porciúncula: os escravos mataram o senhor, José Lannes. A mãe sabe algumas outras histórias.	ME		

32:15	32:41	Idem	A entrevistadora pergunta mais sobre a fazenda e seu Joaquim conta que foi a primeira construção daquela região, propriedade do “desbravador” José Lanes de Sousa Brandão.	FA		
-------	-------	------	--	----	--	--

32:42	37:19	Idem	<p>Fala sobre José Lanes: “conta-se que era uma pessoa muito boa para os escravos”, a partir do que leu no livro “Subsídios para a história de Porciúncula”. Conta que José Lanes batizava todos os escravos, que o chamavam de “padim”. Fala das revoltas de escravos nas redondezas e da difícil comunicação entre as regiões. Os escravos de Porciúncula quando receberam a notícia achavam que as revoltas nos outros lugares tinham sido vitoriosas e resolveram se rebelar também. Mataram o genro do José de Lanes e prepararam uma emboscada para o próprio. Na hora faltou coragem para matarem o senhor, pela</p>	ME/ FA		
-------	-------	------	---	-----------	--	--

			<p>bondade do mesmo. Como o senhor ficou nervoso na hora e maltratou os escravos, eles o mataram. Um dos escravos impediu os outros de matarem a esposa e filhas de José Lanes. Os outros mataram este escravo e fugiram para uma fazenda em Natividade chamada Engenho. Buscaram apoio nessa fazenda de um parente próximo, a José Lanes, que estava brigado com ele. Acha que esse homem se chamava Francisco de Lanes, mas não tem certeza. Esse homem mandou os escravos irem para um paiol e depois os trancou lá dentro. Chamou uma autoridade</p>			
--	--	--	--	--	--	--

			<p>local da Fazenda da Barra (também parente dos Lanes), que levou os escravos para Campos, onde teriam sido executados e teria sido a última pena de morte do Brasil, segundo o livro que leu. Conta que alguns desses escravos fugiram para Cruzeirinho, onde hoje a comunidade está querendo “fazer um resgate”, pois seria um quilombo.</p>			
37:20	37:55	Idem	<p>A entrevistadora pergunta se Seu Joaquim tem contato com a comunidade que quer se intitular quilombo. Ele diz que com os moradores sim, pois morou lá no primeiro casamento, tendo seus primeiros filhos nascido lá. Os moradores dizem que são descendentes de escravos.</p>	ME		

37:56	38:38	Idem	Fala do primeiro casamento. Só agora está tratando legalmente o processo de divórcio com a ex-esposa, apesar de viver maritalmente com a segunda esposa. Nenhuma das duas dançavam jongo. A atual esposa até acompanha algumas apresentações.	JO		
38:39	38:49	Idem	Fala dos filhos: são sete, seis biológicos e um adotado.			

38:50	40:24	Idem	<p>A entrevistadora pergunta sobre o primeiro registro de jongo da comunidade e ele diz que conhece desde criança. Antes, era dançado na Fazenda de São José. Sua mãe dançava muito, mas na época se chamava caxambu e criança não podia entrar. A mãe ensinou muita coisa. Houve época que o jongo foi desdenhado e ficou adormecido por volta de trinta anos até 2005, desde que o último líder morreu, chamado Michel Tanus. Este homem era libanês (não era negro), mas era apaixonado pelo jongo.</p>	JO/ FA		
-------	-------	------	--	--------	--	--

40:25	40:45	Idem	Seu Joaquim acredita que Michel Tanus aprendeu o jongo com o ex-escravo José Laureano, pois a família de Michel tem até hoje uma propriedade ao lado da Fazenda São José	JO/ ME		
-------	-------	------	--	-----------	--	--

40:46	42:52	Idem	<p>A entrevistadora pergunta quem participava do jongo antigamente e seu Joaquim diz que havia muitos “caxambuzeiros” famosos: José Laureano, Manoel Lopes, Cabeça Azeda, Maria Edmar, Dona Dionísia, Dona Zabelona, Denilda, Valdemar Chocolate, Irmãos Domingos, Michel, Dona Carmosina (sua mãe), Neilda, Chandico. O Augusto Domingos está vivo e sua mãe, é a última remanescente do antigo grupo de caxambu. Algumas senhoras participam hoje, mas, apesar de dizerem que praticavam antes, “não é verdade”.</p>	JO		
-------	-------	------	--	----	--	--

42:53	45:00	Idem	<p>Seu Joaquim fala sobre os instrumentos: são dois tambores de tronco, que devem ter mais de 130 ou 140 anos. Tem mais algumas congas e instrumentos de percussão para apoiar a batida do tambor. Antes, tinha menos barulho ao redor e o caxambu era inclusive utilizado para a comunicação de uma fazenda com outra. Os tambores vieram da Fazenda São José, mas não sabe precisar exatamente quem os confeccionou. Antes de resgatarem o jongo, os tambores estavam com a família de Michel Tanus, que cedeu os instrumentos, considerados como relíquias, para o projeto.</p>	JO/ FA		
-------	-------	------	--	--------	--	--

45:01	45:30	Idem	Antes, havia desafio no jongo, “jurumenta”, disputa, demanda, mas hoje não há mais.	JO		
-------	-------	------	---	----	--	--

45:31	47:28	Idem	Seu Joaquim chama a atenção para o fato de que antigamente, em demanda, muitos jongueiros derrubavam os outros porque muitos mestres de caxambu eram também donos de terreiros, feiticeiros e que levavam sua magia para a roda de caxambu. Nos pontos cantados, eles pediam a seus guias ajuda para derrubar o outro. Então, não era o caxambu que derrubava, a falta de respostas, mas sim, esse outro lado. Ele é dono de um terreiro de umbanda e já cantou pontos do terreiro na roda de caxambu e pôde observar a diferença em algumas pessoas, que são médiuns.	JO		
-------	-------	------	--	----	--	--

47:29	48:12	Idem	Cita um ponto de jongo	JO	“Eu tava no caminho rezando meu Pai Nosso, encontrei uma velhinha com a carne por dentro dos ossos”	
48:13	49:36	Idem	Seu Joaquim fala que não faz dança do jongo no terreiro de umbanda, porque para ele são coisas diferentes. O caxambu era algo que os escravos inventaram para se divertir. Na aparência, porém, são parecidos.	JO	“O negro trouxe a sua religião, o candomblé, inventou a capoeira para se defender e o caxambu para se divertir”.	

49:37	50:28	Idem	<p>Seu Joaquim fala da reorganização do caxambu em Porciúncula, que se deu em 2005. As pessoas que começaram esse trabalho foram o Paulo Henrique do Nascimento, o “Kaskão”, o Ricardo de Paula, a Etiene Causolai e sobretudo, a “vontade, o amor e o carinho” da secretária Neide e o “grande apoio” do Dr. Carlos Sérgio, prefeito.</p>	JO		
50:29	52:37	Idem	<p>Seu Joaquim é mestre de folia de reis, o maior da região, porque é o único que canta a folia dentro da Bíblia. Ele foi convidado para cantar num encontro de folias em Porciúncula e as pessoas gostaram dele. Perguntaram a ele se conhecia caxambu, mas ressalta que já existia antes, com aquelas pessoas já citadas.</p>	FR		

52:38	54:33	Idem	<p>Fala da diferença do jongo antigo e do atual. O de hoje é mais democrático, porque antes criança não podia entrar. Também era muito difícil ter alguma pessoa de pele clara dançando e hoje o grupo “tem até loira”.</p> <p>Antigamente era para se demandar e hoje o caxambu é para contar a história, mostrar as raízes, divertir. Hoje é uniformizado, antes não era. Hoje tem microfone, som.</p>	JO		
54:34	55:29	Idem	<p>Hoje ainda tem improvisos, porque isso não pode acabar. Os negros antes cantavam seu dia-a-dia e hoje além disso, tem que cantar os pontos antigos, para contar a História. Ontem cantou um ponto para Dona Aparecida Ratinho, avó de Rogério.</p>	JO	<p>“Jongueiro vem, jongueiro vai, jongueiro velho, balanceia, mas não cai”.</p>	

55:30	55:50	Idem	<p>Não fazem jongo no dia 13 de maio, porque estão sempre se apresentando em outras localidades. Fazem na semana da consciência negra.</p>	JO		
55:51	56:20	Idem	<p>No terreiro tem festas sim para os pretos velhos, mas ele prefere fazer as festas no seu terreiro em outros dias, para deixar que as pessoas participem das festas de outros terreiros.</p>			
56:21	57:42	Idem	<p>Hoje ele é liderança e coordenador do projeto de cultura da prefeitura. Tem uma equipe que trabalha bastante. Não foi a nenhuma reunião do Pontão. A articulação é boa, da parte deles. A dificuldade é levar até as outras pessoas por causa do preconceito.</p>			

57:43	58:41	Idem	Fala do preconceito com o jongo. Várias medidas foram adotadas para mostrar que não tem nada a ver com religião ou com bagunça. No grupo ninguém bebe (nem na Folia). Faz o máximo para não denegrir a História.	JO		
58:42	1:00:17	Idem	A entrevistadora pergunta se as pessoas que participam do jongo são as mesmas que participam da folia. “Acho muito legal responder essa pergunta”: a folia é bem mais antiga, mas a “moça” da Folia resolveu parar e vendeu todos os instrumentos para a Prefeitura. Então o grupo o apóia em tudo o que é feito. Se tiver que fazer mineiro-pau, folia, jongo, sair em escola de samba, “o que eu falar: galera, vamos fazer? Não fazer”			

1:00:18	1:02:26	Idem	O caxambu o projetou, porque ele é compositor, intérprete, toca vários instrumentos, cordelista, tem vários livros escritos em cordel, mas não era conhecido. Fez parte do filme “Correndo atrás de um sonho”, do Sílvio Tandler. Os filhos estão muito felizes no caxambu e hoje já é uma fonte de renda, de pouco tempo pra cá, porque eles recebem um salário, mas antes era só por amor.			
1:02:27	1:02:40	Idem	A entrevistadora agradece pela entrevista			

Legenda dos temas:

Jongo – JO

Calango – CA

Folia de Reis – FR

Memória do tráfico – MT

Memória da África – MA

Campesinato Negro – CN

Quilombo – QL

Memória da escravidão – ME

Fazendas – FA